

# LITERATURA E ENSINO: CANDIDO, UM CRÍTICO NA SALA DE AULA

## LITERATURE AND TEACHING: CANDIDO, A CRITIC IN THE CLASS-ROOM

Neivana Rolim de Lima<sup>1</sup>

Moema de Souza Esmeraldo<sup>2</sup>

O meu impulso incoercível foi sempre ler, ler sem parar [...]  
(Antonio Candido)

E creio que na base de tudo esteja o fato que para mim a literatura sempre teve uma posição privilegiada na tentativa de me conhecer e de conhecer tanto o meu semelhante quanto a própria vida.  
(Antonio Candido)

**Resumo:** O artigo trata da percepção de Antonio Candido a respeito da construção crítica, da historiografia e, por conseguinte, dos estudos de Teoria Literária e de Literatura Comparada no Brasil. A pesquisa caracteriza-se como de natureza teórico-bibliográfica, fundamentada em proposições de Antonio Candido (2019), Sandra Nitrini (2019), Esmeraldo (2022, 2024) e Waltencir Alves de Oliveira (2019). De modo a apresentar qual o referencial de Candido e quais foram os primeiros passos dados

---

1 Mestra em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especialista em Linguagens pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e licenciada em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atua como Coordenadora Pedagógica na Escola Estadual de Tempo Integral Profa. Maria das Dores Brasil, onde acompanha e orienta processos formativos, projetos de intervenção pedagógica e ações voltadas à promoção da qualidade educacional. ORCID: 0000-0003-0819-3209

2 Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás. Docente efetiva da Universidade Federal de Roraima, atuando na graduação e nos Programas de Pós-Graduação em Letras e no Mestrado Profissional em Educação Inclusiva, nesse último está como coordenadora. Tutora do grupo PET Educação do Campo. Desenvolve pesquisas nas áreas de literatura, letramento, formação de professores e educação inclusiva. ORCID: 0000-0001-5626-1267.

para que ele se consolidasse como um revolucionário em relação aos estudos de Literatura Comparada no Brasil. Para tanto, elegem-se como objetos de investigação os textos *Na sala de aula* (Candido, 2008), *Como e por que sou crítico* (Candido, 2019) e *O direito à literatura* (Candido, 2019), bem como *Como e por que sou romancista* (Alencar, 1893), os quais são analisados a partir do escopo delimitado para o artigo, em diálogo com os textos de vertente teórica anteriormente mencionados. A análise evidencia a relevância do pensamento crítico de Antonio Candido para a constituição dos estudos literários no Brasil, destacando sua contribuição para a articulação entre crítica, historiografia e literatura comparada.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada. Crítica Literária. Ensino de Literatura

**Abstract:** This article discusses Antonio Candido's perception of critical construction, historiography, and consequently, studies of Literary Theory and Comparative Literature in Brazil. The research is characterized as theoretical-bibliographical in nature, based on propositions by Antonio Candido (2019), Sandra Nitrini (2019), Esmeraldo (2022, 2024), and Waltencir Alves de Oliveira (2019). The aim is to present Candido's framework and the first steps he took to establish himself as a revolutionary figure in the field of Comparative Literature in Brazil. To this end, the texts chosen as objects of investigation are *\*In the Classroom\** (Candido, 2008), *\*How and Why I Am a Critic\** (Candido, 2019), and *\*The Right to Literature\** (Candido, 2019), as well as *\*How and Why I Am a Novelist\** (Alencar, 1893), which are analyzed from the scope delimited for this article, in dialogue with the texts of previously mentioned theoretical perspective. The analysis highlights the relevance of Antonio Candido's critical thought for the constitution of literary studies in Brazil, emphasizing his contribution to the articulation between criticism, historiography, and comparative literature.

**Keywords:** Comparative Literature. Literary Criticism. Literature Education

## **Antonio Candido: trajetória intelectual e contribuição para a formação humana a partir da Crítica Literária Brasileira**

Antônio Candido de Mello e Souza foi escritor e ensaísta, um dos mais importantes críticos literários brasileiros. Em 1937, iniciou os cursos de Direito e de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Formou-se em Ciências Sociais em 1941. Tornou-se livre-docente de Literatura Brasileira em 1945 e doutor em Ciências em 1954. Em 1974, passou a professor titular de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, cargo em que se aposentou em 1978. Foi professor associado de Literatura Brasileira na Universidade de Paris, de 1964 a 66, e, em 1968, professor visitante de Literatura Brasileira e Literatura Comparada na Universidade de Yale. Foi coordenador do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, de 1976 a 78. Foi professor-emérito da USP e da UNESP, doutor honoris causa da Unicamp e professor honorário do IEA.

De suas obras de crítica literária, a mais importante é Formação da Literatura Brasileira, de 1959. Como ensaio sociológico, é considerado clássico seu estudo sobre o caipira paulista e sua transformação, Os Parceiros do Rio Bonito (1964). Entre os prêmios recebidos estão: Jabuti de Literatura (1965 e 1993); Machado de Assis (1993); Anísio Teixeira (1996); Camões (1998) e Juca Pato (2007). Faleceu em 12 de maio de 2017.

Para além de sua atuação acadêmica e de sua obra crítica, Antonio Candido desenvolveu uma concepção humanista da literatura, entendendo-a como elemento essencial à formação do sujeito. Em O direito à literatura, o autor defende que a experiência literária é um direito humano fundamental, uma vez que contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação e da consciência crítica. Nessa perspectiva, a literatura ultrapassa o campo estético e assume uma função social, ao possibilitar a ampliação da visão de mundo e a humanização dos indivíduos. Tal compreensão reafirma o compromisso ético da crítica literária e amplia seu alcance para além da análise formal das obras.

Sobre a discussão a respeito da função social da literatura Esmeraldo (2022) destaca que “a democracia cultural implica a equidade de distribuição dos bens culturais” e a literatura conforme insiste

Candido “é um direito inalienável à formação do homem” (Esmeraldo, p. 04 2022). A pesquisadora reitera a ideia de Candido de que literatura “não corrompe nem edifica”, mas traz livremente em si “o que chamamos o bem e o mal”, portanto, “humaniza no seu sentido mais profundo” (Candido, 1972, p. 85). Esmeraldo (2022) acrescenta que a literatura deve ser privilegiada a partir de práticas sociais com textos literários que possam contribuir para uma formação de sujeitos críticos

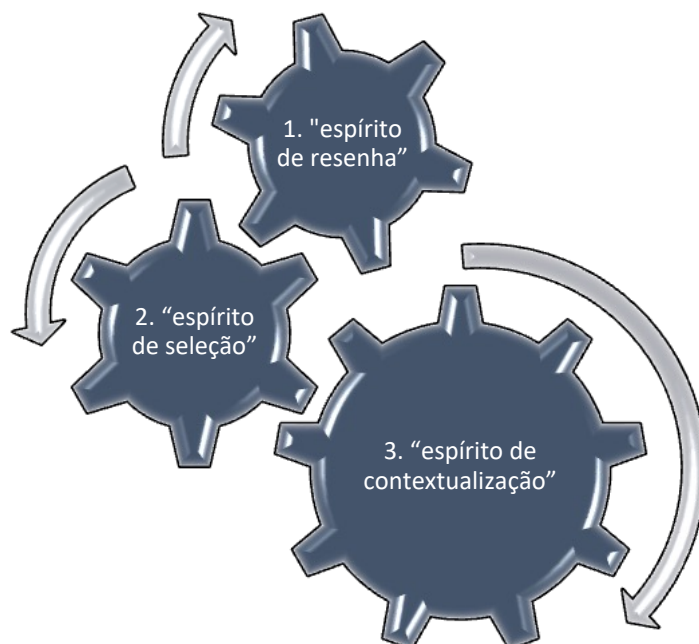
Essa concepção articula-se diretamente às reflexões apresentadas em Como e por que sou crítico, texto no qual Candido explicita os fundamentos de sua prática crítica e de sua formação intelectual. Ao refletir sobre sua trajetória como crítico, o autor evidencia a importância da historiografia literária e da análise contextual das obras, sem perder de vista sua dimensão estética. Desse modo, Candido consolida uma proposta crítica que equilibra rigor analítico, consciência histórica e preocupação social, contribuindo decisivamente para os estudos de Teoria Literária e Literatura Comparada no Brasil e estabelecendo um modelo interpretativo que permanece relevante para a crítica contemporânea.

Nesse horizonte teórico, as reflexões de Antonio Candido sobre a função social da literatura dialogam com a compreensão do fazer literário presente em José de Alencar. Ao defender a literatura como um direito humano fundamental, Candido enfatiza seu papel humanizador e formativo, ressaltando que a experiência literária contribui para a ampliação da sensibilidade, da imaginação e da consciência crítica dos sujeitos, além de possibilitar a compreensão simbólica da realidade social (Candido, 2019). De modo convergente, Alencar, ao refletir sobre sua atuação como romancista, evidencia o compromisso do escritor com a observação da realidade histórica e cultural de seu tempo, concebendo a literatura como espaço de construção da identidade nacional e de reflexão crítica sobre a sociedade brasileira (Alencar, 1990). Assim, ao aproximar essas perspectivas, observa-se que tanto o crítico quanto o romancista compreendem a literatura como prática inseparável da vida social, o que reforça a centralidade do pensamento de Candido para os estudos de Teoria Literária e Literatura Comparada no Brasil.

## Candido e os três traços da Formação Crítica

Antonio Candido em artigo intitulado: “Como e porque sou crítico”, ao falar sobre a sua vida, o contato com a literatura e com a historiografia, definirá a sua caminhada inicial em três traços que o ajudaram a conhecer os textos literários, os autores e a história. Delineações essas que são subsidiadas por sua construção familiar e pela influência de seu pai, homem culto e ávido leitor, a formação erudita de seu pai constitui fator fundamental e determinante para o estabelecimento da aproximação entre Candido e os textos históricos e literários. Conforme mencionado no excerto que se segue: “Meu pai, médico muito culto, assinava ou comprava revistas literárias, que talvez tenham sido a base do meu trabalho crítico” (Candido, 2019, p. 237). Tal aproximação também afastou Candido do sonho de sua família que era o de vê-lo tornar-se médico de modo a seguir a tradição familiar.

Candido divide seu trabalho crítico em três partes, inicialmente, apresento aqui a divisão e as aplicações de cada uma das partes: 1) “espírito de resenha”: disposição para comentar por escrito os textos lidos; 2) “espírito de seleção”: a capacidade de discernir e avaliar, requisito básico do crítico e 3) “espírito de contextualização”: a referência da obra e do autor à sociedade e à época, neste ato de contextualizar o pesquisador inseria os estudos dos povos, dos países, dos períodos, dos autores o que ajudará, posteriormente, a criação e difusão do campo de estudo teórico e comparativo no Brasil. O espírito de contextualização foi amadurecido na universidade pelo estudo da sociologia, sobretudo na obra de Durkheim, e por interferência de leituras marxistas.



SmartArt de Neivana Rolim de Lima e Moema Esmeraldo – Arquivo pessoal

O chamado “espírito de resenha”, primeiro traço apontado por Antonio Candido, ultrapassa a simples prática de comentar textos e revela-se como exercício inicial de sistematização crítica. Ao registrar suas impressões de leitura, ainda de forma incipiente, Candido inaugura um gesto metodológico que permanecerá ao longo de toda a sua trajetória intelectual: a leitura atenta e reiterada do texto literário como ponto de partida para qualquer interpretação. Tal prática antecipa o princípio defendido pelo próprio autor em *Na sala de aula*, segundo o qual a análise literária exige contato contínuo e aprofundado com a obra, pois é da multiplicação das leituras que emergem as intuições críticas responsáveis por sustentar interpretações mais consistentes (Candido, 1998; 2019). Assim, o “espírito de resenha” configura-se como base formativa de um método que privilegia o texto sem abandonar a reflexão crítica.

O chamado “espírito de resenha”, primeiro traço apontado por Antonio Candido, ultrapassa a prática de comentar textos e revela-se como exercício inicial de sistematização crítica. Ao registrar suas impressões de leitura, ainda de forma incipiente, Candido inaugura um gesto metodológico que

permanecerá ao longo de toda a sua trajetória intelectual: a leitura atenta e reiterada do texto literário como ponto de partida para qualquer interpretação. Tal princípio é reafirmado em Na sala de aula, quando o autor explicita que “ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista”, destacando que a multiplicação das leituras desperta intuições responsáveis por sustentar o trabalho crítico (Candido, 1998, p. 6). O gesto formativo encontra ressonância na reflexão de José de Alencar acerca do processo de criação literária. Em Como e por que sou romancista, o autor reconhece que a escrita nasce da observação persistente e do contato contínuo com textos, experiências e registros culturais, afirmando que “a imaginação não cria do nada; ela trabalha sobre materiais recolhidos pela observação e pela leitura” (Alencar, 1990, p. 57). Embora situados em campos distintos, o da crítica e o da criação literária, Candido e Alencar convergem ao compreender a leitura sistemática como condição fundamental tanto para o exercício crítico quanto para o fazer literário.

Além disso, ao relatar o hábito de anotar impressões de leitura desde a juventude, Candido afirma que essas anotações funcionaram como um “tirocínio” para sua formação intelectual (Candido, 2019, p. 238), o que aproxima sua prática da concepção alencariana de aprendizagem gradual do ofício literário. Para Alencar, o romancista se forma na convivência prolongada com textos e com a realidade, processo que exige disciplina, observação, reflexão contínua, afastando-se da ideia de inspiração súbita ou espontânea, como alguns acreditam.

Desse modo, o “espírito de resenha” pode ser compreendido como um ponto de contato entre crítica e criação literária: enquanto Candido transforma a leitura em método analítico, Alencar a converte em matéria estética. Em ambos, a leitura reiterada assume papel estruturante, reafirmando que o texto literário, lido, relido e refletido, constitui o núcleo a partir do qual se constroem tanto a crítica rigorosa quanto a literatura comprometida com a experiência histórica e cultural

O segundo traço, denominado por Candido como “espírito de seleção”, refere-se à capacidade de discernimento, elemento central para a atuação do crítico literário. Tal princípio pressupõe não apenas a escolha criteriosa das obras a serem analisadas, mas também a hierarquização de aspectos relevantes dentro do próprio texto literário. Em Como e por que sou crítico, Candido reconhece que

essa competência foi sendo amadurecida ao longo do tempo, sobretudo a partir do confronto com diferentes correntes teóricas e do reconhecimento de seus próprios limites interpretativos. Esse processo evidencia que a crítica, para Candido, não se constitui como aplicação mecânica de modelos teóricos, mas como exercício intelectual que exige sensibilidade, rigor e consciência histórica, afastando-se tanto do impressionismo quanto do dogmatismo metodológico (Candido, 2019). Deste modo, a formulação desse traço permite compreender que o gesto crítico, em Antonio Candido, nasce menos de uma adesão a sistemas teóricos fechados e mais de uma escuta atenta do texto literário. A seleção, nesse sentido, torna-se um movimento de responsabilidade interpretativa, no qual o crítico assume a tarefa de decidir o que merece ser destacado, problematizado ou silenciado, conforme as exigências internas da obra. Trata-se de um exercício que desloca a crítica do campo da repetição teórica para o da mediação intelectual, posicionando o crítico como leitor qualificado que negocia constantemente entre tradição, sensibilidade estética e contexto histórico.

Já o “espírito de contextualização”, terceiro traço de sua formação, representa um dos pilares mais reconhecidos do pensamento candidiano. Longe de reduzir a obra literária ao seu contexto social, Candido propõe uma articulação equilibrada entre texto, autor, sociedade e momento histórico. Essa concepção é aprofundada em *O direito à literatura*, quando o autor defende que a literatura, ao mesmo tempo em que possui autonomia estética, mantém vínculos profundos com a realidade social, desempenhando função humanizadora indispensável à formação do sujeito (Candido, 2019). Nesse sentido, a contextualização não opera como determinismo sociológico, mas como instrumento de ampliação da compreensão do texto literário em sua complexidade histórica e simbólica.

A centralidade desse traço evidencia que, na perspectiva do autor, compreender um texto literário implica situá-lo em uma rede de relações que não o aprisiona, mas o potencializa. A contextualização, assim, funciona como um dispositivo de leitura que amplia os sentidos da obra ao inseri-la em processos históricos e culturais mais amplos, sem anular sua singularidade formal. Ao adotar essa postura, Candido inaugura uma prática crítica que recusa tanto a leitura isolada do texto quanto a sua dissolução em fatores externos, afirmando a necessidade de um olhar capaz de articular

forma, experiência histórica e valores humanos em uma mesma operação interpretativa.

Ao tratar do “espírito de contextualização”, Antonio Candido sustenta que a literatura não pode ser compreendida de forma isolada, pois sua força reside na articulação entre forma estética e experiência social. Em *O direito à literatura*, o crítico afirma que: “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2019, p. 182). Essa compreensão dialoga diretamente com o posicionamento de José de Alencar em *Como e por que sou romancista*, quando o autor explicita que sua criação literária nasce do contato profundo com a realidade brasileira e com a experiência histórica do país. Ao afirmar que foi da “explêndida natureza” e do “passado de sua pátria” que retirou a matéria de obras como *O Guarani* e *Iracema*, Alencar destaca que o romance é resultado de uma vivência histórica e cultural específica, e não de mera imitação de modelos estrangeiros (ALENCAR, 1990, p. 28).

Nesse sentido, o “espírito de contextualização” defendido por Candido encontra correspondência concreta na prática literária de Alencar, para quem o romance assume a função de interpretar simbolicamente a realidade nacional. Enquanto Candido, no campo da crítica, propõe uma leitura que integra texto, sociedade e história, Alencar, como romancista, materializa esse princípio ao conceber a literatura como expressão da formação cultural brasileira. Assim, a contextualização não se configura como determinismo sociológico, mas como instrumento de compreensão ampliada da obra literária, reafirmando a literatura como prática estética indissociável da vida social e histórica.

A integração dos três traços, resenha, seleção e contextualização, conduz Antonio Candido à formulação do que denomina crítica integrativa, perspectiva que busca articular a análise formal da obra literária à consciência histórica e à responsabilidade social da crítica. Tal postura aproxima-se das reflexões de José de Alencar em *Como e por que sou romancista*, quando o escritor afirma a necessidade de se criar uma literatura vinculada à experiência histórica e cultural do país, ao declarar a intenção de produzir “no Brasil para o Brasil um gênero de literatura” capaz de responder às particularidades da realidade nacional (Alencar, 1893, p. 30). Ao articular essas dimensões, Candido

consolida um modelo crítico que fundamenta não apenas sua atuação individual, mas também a constituição da Teoria Literária e da Literatura Comparada no Brasil, compreendendo a literatura como prática estética, histórica e social indissociável.

### **Antonio Candido e a consolidação de um modelo crítico-historiográfico no Brasil**

Antonio Candido, estudante da faculdade de Filosofia da USP, tornou-se crítico literário em 1941 com a fundação da Revista *Clima*. O estudioso relata não ter apresentado desespere ao desempenhar a nova e desafiadora função que lhe foi imposta pelos colegas, pois já colecionava textos e análises após receber a sugestão de sua mãe. Tal como se lê abaixo:

Eu estava começando o 4º ano do Ginásio Municipal de Poços de Caldas e ela, me vendo resumir por escrito um texto de divulgação sobre os filósofos gregos, me aconselhou a adquirir o hábito de registrar em cadernos as minhas impressões de leitura, por mais sumárias e modestas que fossem. Aceitei o conselho e o segui com interrupções pela vida afora, enchendo cadernos incontáveis que inclusive serviram com o tempo de material para cursos e artigos [...] naquela altura eu já tinha me exercitado ao encher mais de dez cadernos com impressões de leitura, a partir da sugestão de minha mãe. Impressões que não tinham qualquer finalidade externa, mas devem ter sido uma espécie de tirocínio (Candido, 2019, p. 238).

Diante do exposto, percebe-se que Candido e suas influências familiares foram fundamentais para a consolidação do teórico que sobrevive a passagem do tempo e é amplamente estudado por alunos de graduação e pós-graduação e, conseqüentemente, por professores universitários. A sua formação ao longo de uma vida inteira foi compartilhada em vários materiais utilizados por ele, o livro *Na sala de aula*, publicado inicialmente em 1985, é composto por várias anotações que o autor fazia para ministrar suas aulas no curso de Letras e na obra em que ele estabelece uma relação muito próxima com o leitor e com suas possibilidades interpretativas para os textos literários analisados, no livro.

Sobre esse aspecto, Waltencir Alves de Oliveira observa que Na sala de aula, obra que Candido ele próprio denomina “o caderno”, foi apresentada em sua primeira edição como uma coletânea de exercícios críticos voltados à análise de poesia (Oliveira, 2019, p. 42). Para o estudioso, tais exercícios não devem ser compreendidos como produções ocasionais, mas como desdobramento de uma prática formativa contínua, enraizada desde a infância do crítico. Nesse sentido, os registros sistemáticos de leitura, iniciados ainda na juventude de Candido, consolidam-se como fundamento metodológico de sua atuação intelectual, refletindo diretamente em sua trajetória como professor, crítico e historiador da literatura.

Ainda segundo Oliveira, o livro constitui a “transcrição quase fiel de um conjunto de seis ensaios analíticos apresentados em um curso de pós-graduação”, ministrado por Antonio Candido, o que reforça a indissociabilidade entre prática docente e exercício crítico em sua produção intelectual (Oliveira, 2019, p. 42). A referência explícita à sala de aula, já inscrita no título da obra, evidencia o caráter pedagógico da crítica candidiana, na qual o gesto interpretativo nasce do diálogo com o texto literário e se concretiza no espaço formativo. Assim, conforme destaca o intérprete de sua obra, não é possível dissociar o professor do crítico, pois ambos se constituem simultaneamente, fazendo de Na sala de aula um verdadeiro tópos fundador dos estudos literários no Brasil, no qual ensino, crítica e historiografia se articulam de modo orgânico.

Antonio Candido sustenta, em diversos de seus textos, que a docência e o exercício da crítica literária constituem práticas indissociáveis, uma vez que ambas se alimentam mutuamente no processo de construção do conhecimento literário. Para o autor, o ensino não se limita à transmissão de conteúdos, mas funciona como espaço privilegiado de reflexão, experimentação metodológica e amadurecimento teórico da crítica. No entanto, essa concepção, que posteriormente se consolida como um dos eixos centrais de sua atuação intelectual, não se estabeleceu de forma imediata nem isenta de conflitos. Ao contrário, Candido reconhece que sua trajetória foi marcada por momentos de instabilidade teórica e de autocrítica, nos quais se viu compelido a reavaliar pressupostos anteriormente assumidos. Esses episódios, por ele denominados “dois abalos”, configuram-se como

pontos de inflexão decisivos em sua formação, pois o conduziram a repensar os limites de uma crítica excessivamente orientada pelo contexto social ou por esquemas interpretativos rígidos, abrindo caminho para a formulação de uma crítica mais integradora, atenta simultaneamente à organicidade do texto literário e às suas determinações históricas.

O primeiro decorreu da tese que apresentei e tratava da crítica de Sílvio Romero, autor que eu conhecia mais ou menos bem desde cedo pela leitura dos muitos livros que meu pai tinha. No curso da leitura completa e sistemática para a redação da tese, fiquei chocado com o mecanicismo da sua visão naturalista e sociológica, e senti que a minha atividade crítica até então corria risco parecido. O segundo abalo foi devido a um artigo de Cleanth Brooks Jr., “O poema como organismo”, publicado no volume que recolheu as comunicações de 1939 ao Instituto de Inglês da Universidade de Columbia, que Mário de Andrade me deu porque tinha uma duplicata. É um artigo antes modesto, mas para mim caiu na hora certa e me fez perceber que a bússola do trabalho crítico não deve ser o contexto social nem a dimensão ideológica (para os quais eu me inclinava), mas o caráter orgânico do texto, que adquire um tipo específico de autonomia. Banal, como se vê, mas para mim, naquele momento, uma revelação, que foi amadurecendo lentamente. A partir dele procurei, ao longo dos anos, ir tentando uma crítica integrativa, que deveria dar destaque ao que pode ser chamado “o próprio do texto”, inclusive quando fosse preciso levar em conta fatores externos (Candido, 2019, p. 240, **negritos nossos**).

Candido admite, neste excerto, que até certo momento sua bússola para a análise crítica estava equivocadamente centrada fora do próprio texto: ele priorizava o contexto social e a dimensão ideológica, limitações que restringiam o alcance de suas interpretações. Essa perspectiva começou a se transformar a partir da leitura de O poema como organismo, texto já mencionado anteriormente, que o conduziu a uma compreensão mais ampla da obra literária. A partir desse ponto, Candido passou a direcionar sua atenção para o caráter orgânico do texto, reconhecendo a importância de suas estruturas internas, de sua coesão e de seus elementos constitutivos. Assim, desenvolveu uma abordagem crítica integrativa, capaz de conciliar aspectos formais e temáticos, valorizando aquilo que considerava essencial para a compreensão profunda da obra. Essa mudança não apenas ampliou

seu escopo interpretativo, mas também consolidou sua visão de que a literatura deve ser analisada de maneira que respeite tanto sua integridade estrutural quanto seu diálogo com o mundo.

O panorama do ensino de Literatura no Brasil ainda é fortemente marcado pelo enfoque na historiografia literária, o que frequentemente limita a experiência do aluno diante do próprio texto literário. Na prática, as aulas de análise literária são escassas, e os docentes muitas vezes permanecem à margem da obra, concentrando-se em aspectos externos, como dados biográficos do autor, estilo de época e características gerais do período literário. Esse enfoque restringe a compreensão da literatura como uma experiência estética e crítica, reduzindo o texto a um objeto histórico ou documental. Consequentemente, os estudantes são pouco estimulados a desenvolver uma leitura profunda e interpretativa, capaz de reconhecer a complexidade das estruturas internas da obra, suas relações simbólicas e temáticas, bem como os sentidos que emergem da própria linguagem literária. Essa lacuna evidencia a necessidade de práticas pedagógicas que integrem análise formal, interpretação crítica e contextualização histórica, de modo a promover um ensino de Literatura mais equilibrado e capaz de formar leitores sensíveis e críticos.

Nesse contexto, é importante destacar a contribuição do professor Waltencir Oliveira (2019), que ressalta o papel decisivo de Antonio Candido na transformação do cenário crítico e teórico dos Estudos Literários no Brasil, incluindo o ensino de Literatura. Candido, especialmente por meio de textos como *O direito à literatura*, consolidou-se como referência indispensável para aqueles que desejam aprofundar-se nos debates sobre os desafios e conflitos do trabalho com o texto literário nas escolas.

O texto literário abrange uma dimensão tão profunda na formação humana que é impossível mensurar a sua importância para a humanidade e para a escolarização definidas em competências ou habilidades pré-estabelecidas por normas que impõe a unilateralidade da atividade pedagógica. As inúmeras possibilidades de práticas pedagógicas a partir da leitura literária é fruto não de uma normatização imposta ao docente, mas é fruto da sua “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1997)<sup>5</sup> que permite sensibilizar e aguçar a curiosidade do indivíduo diante da necessidade do contexto histórico-social que os vivenciam. (Esmeraldo, p.6, 2024)

Esmeraldo (2024) evidencia que o pressuposto de educação para os Direitos Humanos é necessário propor ações didáticas de leitura das obras literárias como prática social destinada ao letramento em sala de aula, que ultrapassam a perspectiva tradicional de ensino da literatura por meio da historiografia literária ao propor uma formação docente que rompe com as práticas colonialistas, racistas e preconceituosas enraizadas na sociedade brasileira. Na contemporaneidade é necessário propor alternativas didático-pedagógicas na formação de professores a fim de compreender como é fundamental o trabalho com o tema no ensino de literatura.

Nessa abordagem propõe-se uma remodelagem do ensino literário, rompendo com o historicismo positivista que dominava grande parte das práticas pedagógicas e abrindo espaço para novos modelos de análise e interpretação. Nesse novo panorama, a leitura deixa de ser pautada por uma evolução linear e cronológica, típica de abordagens rígidas e externalizantes, e passa a privilegiar uma leitura atenta, pontual e sensível à singularidade de cada obra. Isso permite que os textos sejam compreendidos em sua integridade, considerando suas particularidades formais, temáticas e expressivas, e que os estudantes desenvolvam uma apreciação crítica mais aprofundada, capaz de integrar dimensão estética, social e ideológica da literatura.

A historiografia literária, ao trabalhar com blocos uniformes de análise, teoricamente facilitaria a vida docente ao oferecer categorias organizadas e estruturadas para o estudo da literatura. No entanto, na prática, essa uniformidade enfrenta diversos entraves, que acabam por limitar a relação entre professor, aluno e obra literária. Nesse sentido, Leo Spitzer, em *Linguística e História Literária*, sustenta que analisar um texto literário equivale, em grande medida, a lidar com a própria historiografia, pois a compreensão do texto está intrinsecamente ligada ao contexto histórico e à trajetória de seu gênero e tradição. Complementando essa perspectiva, Waltencir Oliveira (2019) observa que Antonio Candido pautou suas abordagens em um modelo teórico-crítico-historiográfico, que articula análise formal, interpretação crítica e contextualização histórica. Esse modelo, por sua própria natureza, responde a um conjunto de dilemas e a uma variedade de produtos literários, situados historicamente,

permitindo que o trabalho crítico respeite tanto a singularidade das obras quanto os parâmetros históricos que as moldaram. Assim, Candido oferece uma metodologia investigativa-analítica capaz de conciliar rigor teórico, sensibilidade interpretativa e compreensão do texto enquanto fenômeno literário e social.

No prefácio de *Na sala de aula*, Antonio Candido reflete sobre o processo de leitura e destaca o que considera a regra de ouro da análise literária: “Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista, como sempre preconizou a velha *explication de texte* dos franceses. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível neste ofício” (CANDIDO, 1998, p. 6). Para Candido, a leitura não é apenas um ato de reconhecimento superficial do texto, mas um exercício contínuo de atenção e sensibilidade, em que cada releitura aprofunda a compreensão e permite que novas conexões surjam. Em suas análises, o autor realiza um movimento semelhante ao proposto pelo círculo hermenêutico: ele examina um trecho específico, interpreta-o detalhadamente, relaciona-o ao contexto do período literário e, finalmente, situa-o dentro da literatura brasileira de forma mais ampla. Essa abordagem ultrapassa a prática comum nas salas de aula brasileiras, que frequentemente se limita a estudar o período literário, depois a biografia do autor e, apenas de maneira generalista, o texto literário, sem que o aluno passe pelo processo de fruição textual. Candido, portanto, propõe uma metodologia que valoriza a experiência direta com o texto, reconhecendo a importância da leitura repetida e atenta como instrumento para formar leitores críticos, capazes de perceber a complexidade formal, temática e histórica da obra literária.

Na sala de aula não é uma obra isolada dentro da trajetória intelectual de Antonio Candido; ao contrário, estabelece diálogo constante com toda a construção teórica do autor. O livro articula a análise de poemas, a metodologia de ensino e a reflexão sobre o papel do leitor, mostrando que interpretações só fazem sentido quando consideradas dentro de um contexto comunicativo específico, em que texto, leitor e ambiente interagem. Nesse sentido, Waltencir Alves de Oliveira (2019) observa que a escolha criteriosa dos textos que compõem “o caderno” evidencia como o pensamento historiográfico de Candido está sutilmente integrado às análises e técnicas críticas apresentadas: embora não se

manifeste de forma explícita, ele permeia toda a abordagem, conferindo consistência e profundidade à leitura e à interpretação literária. Essa integração revela o caráter singular e multifacetado de Candido, que transita entre escritor, crítico social e literato, conciliando rigor teórico, sensibilidade estética e compromisso com o ensino. Ao combinar reflexão teórica, análise detalhada e prática pedagógica, Na sala de aula exemplifica o projeto candidoano de formar leitores críticos e conscientes, capazes de compreender a literatura em sua dimensão histórica, formal e comunicativa.

As construções teóricas e as análises propostas por Antonio Candido marcaram o início de um processo reflexivo que contribuiu decisivamente para o surgimento da Literatura Comparada no Brasil. Nas sequências didáticas apresentadas nos capítulos de: Na sala de aula, Candido demonstra que não é possível elaborar teoria sem exercer a crítica, assim como não há crítica sem o respaldo da historiografia literária. Essa interdependência evidencia a visão integrada que o autor desenvolveu, na qual leitura, análise e contexto histórico se articulam para formar um olhar crítico consistente.

Nesse sentido, Sandra Nitrini (2019) observa que a área de Teoria Literária e Literatura Comparada passou a integrar a grade curricular do curso de Letras em 1961 e, já no ano seguinte, recebeu oficialmente o nome de Teoria Literária e Literatura Comparada, por iniciativa do próprio Candido. Segundo a autora, o livro Formação da literatura brasileira constitui um testemunho cabal de que a história literária nacional, especialmente em seu período de formação, está intimamente vinculada a modelos estrangeiros, tornando a aproximação comparatista não apenas relevante, mas essencial. Dessa forma, Candido evidencia que o estudo da literatura brasileira não pode prescindir de perspectivas comparativas, reconhecendo a influência de contextos e tradições externas, ao mesmo tempo em que valoriza as especificidades do texto nacional.

Antonio Candido, ao propor o estudo do poema em articulação com outros campos do saber, como a História e a Sociologia, defendia uma abordagem ainda pouco consolidada no Brasil. Para ele, era impossível ignorar o que já havia sido estudado ou escrito por gerações anteriores; por isso, percebia a necessidade de um estudo comparativo, que situasse a obra literária em múltiplos contextos e perspectivas. Essa postura reflete sua visão de que o texto literário não existe isoladamente, mas em

diálogo constante com seu tempo, com outras formas de conhecimento e com tradições críticas que o precederam.

Ao observar a organização dos estudos por áreas do conhecimento, nota-se que havia, e ainda há, uma tendência à segmentação, ou seja, alguns pesquisadores optam por se dedicar exclusivamente à historiografia literária, enquanto outros concentram-se no estudo da sociedade ou em abordagens sociológicas, muitas vezes tentando dissociar áreas de conhecimento que, na prática, são limítrofes e interdependentes. Em outras palavras, há uma preferência por analisar as vertentes possíveis de forma isolada, o que limita a compreensão da literatura em sua complexidade. Candido, por sua vez, rompe com essa fragmentação, defendendo uma metodologia integrativa que reconhece as intersecções entre literatura, história, sociedade e cultura, promovendo uma análise mais rica e contextualizada das obras.

A limitação de Candido não residia em sua capacidade de relacionar diferentes campos do conhecimento — história, sociedade, literatura e estrutura textual —, mas sim em um aspecto temporal: sua familiaridade com correntes teóricas contemporâneas era restrita. Em suas reflexões, o próprio autor admite que, apesar de ter estudado extensivamente, seus conhecimentos e investigações estavam concentrados em um período específico, compreendendo os anos de 1930 e 1940, com uma extensão para os anos 1950. A partir desse ponto, Candido não acompanhou de perto as novas produções teóricas que surgiram no campo dos estudos literários. No fragmento a seguir, ele expõe essa limitação com franqueza:

É sem dúvida prova de largueza de vistas por parte dos responsáveis o fato de terem contemplado um crítico de outro tempo, já de passo desacertado com as orientações recentes do seu ofício. Se me permitem uma breve nota pessoal a respeito, direi que a minha formação intelectual se deu nos anos de 1930 e 1940, com um prolongamento nos anos de 1950. Talvez por uma espécie de defesa, a partir de então não incorporei o que se criou no domínio dos estudos literários. Inclusive porque não sou de temperamento renovador, preferindo explorar as posições adquiridas. Admiro os que estão sempre em dia com que se propõe de novo no campo teórico, mas faço parte de outra família mental: a daqueles que, tendo conseguido elaborar um certo ponto de vista do mundo e da literatura, se fixam nelas como enquadramento suficiente (Candido, 2019,

p. 242).

Mal poderia Antonio Candido imaginar que sua obra alcançaria um caráter atemporal, tornando-se referência obrigatória em inúmeras salas de aula, de escolas e universidades, e inaugurando, a meu ver, perspectivas que hoje dialogam com os estudos interdisciplinares, transdisciplinares e, de certo modo, com os estudos culturais no Brasil. Sua influência extrapola o espaço de sua própria sala de aula, circulando por todo o país de forma comparável à obra de Machado de Assis, cuja presença é igualmente constante na formação literária nacional. Mesmo reconhecendo, com humildade, que não se manteve “em dia” com as correntes teóricas surgidas a partir dos anos 1950, Candido construiu um legado sólido e consistente, cuja relevância permanece inquestionável. Sua erudição, aliada à sensibilidade crítica e humana, transformou suas análises e reflexões em registros que ultrapassam gerações; estudantes e pesquisadores vindouros continuam a admirar, estudar e fruir seus textos, reconhecendo neles não apenas contribuições teóricas significativas, mas também uma postura ética e reflexiva diante da literatura e da vida. Dessa forma, Candido consolida-se como um intelectual que transcende seu tempo, oferecendo ferramentas interpretativas, metodológicas e éticas que permanecem essenciais para a compreensão e o ensino da literatura no Brasil.

Antonio Candido sempre defendeu o papel central da Literatura Brasileira, promovendo seu estudo e valorização nas universidades do país. Ao implantar modalidades de ensino que desassociavam a análise de textos literários de padrões historicamente rígidos e engessados presentes nas salas de aula brasileiras, Candido inaugurou um espaço de resistência crítica e metodológica. Nesse processo, ele enfatizou a multiplicidade cultural e formativa do Brasil, reconhecendo que os textos literários produzidos por escritores brasileiros carregam marcas não apenas de seu contexto regional e cultural, mas também de influências externas que atravessam fronteiras e se incorporam à estrutura da obra. A expressão “tipicamente brasileiro” não deve ser entendida como desvalorização, mas sim como ponto de partida para compreender a complexidade cultural do país, que exige abordagens comparativas. Nesse sentido, Candido ressaltou a necessidade da Literatura Comparada ao afirmar que o Brasil é

um “país caracterizado pelo cruzamento intenso das culturas” (Candido, 1993, p. 216). Assim, toda obra literária produzida no território brasileiro contém marcas de influências externas, reflexo de sua formação cultural plural, e essa perspectiva reforça a importância de uma análise que considere simultaneamente o contexto local e as interações globais, enriquecendo a compreensão do texto e de sua inserção social e histórica.

A percepção destacada acima parte de um olhar profundamente histórico, que busca compreender os processos que moldaram o povo brasileiro, seu imaginário coletivo, sua noção de vida em sociedade e, conseqüentemente, seus escritos. Para Candido, os textos literários não surgem de uma folha em branco; eles emergem de uma coletividade marcada por acontecimentos históricos complexos, como invasões, roubos, estupros, colonização e processos de aculturação, que deixaram impressões profundas na formação cultural do país. Esse olhar sensível reflete a paixão de Candido pelo estudo da história, aliada à sua trajetória como crítico literário, e revela sua habilidade singular de articular diferentes áreas do conhecimento. Com maestria, ele conseguiu estabelecer diálogos entre História, Sociologia, Literatura e Estética, mostrando que a compreensão de um texto literário exige a integração dessas dimensões. Assim, Candido evidencia que o trabalho crítico não se limita à análise formal do texto, mas se expande para abarcar a complexidade social, histórica e cultural que o sustenta, permitindo leituras mais ricas e profundas da literatura brasileira.

Em alguns momentos, essa postura reflexiva e interdisciplinar se revelou desafiadora para Candido. Ele próprio reconhece que precisou repensar sua concepção crítica, que até então estava fortemente centrada na função social da literatura. Como ele admite: “mas porque o trato cada vez maior com as letras alterou a minha concepção de crítica, talvez presa um pouco demais até então à função social da literatura” (Candido, 2019, p. 239). Essa confissão evidencia que o percurso crítico de Candido não foi linear ou dogmático; pelo contrário, sua reflexão evoluiu à medida que aprofundava o contato com os textos e ampliava sua experiência teórica. O autor percebeu que a literatura não se restringe apenas a seu papel social, mas também exige atenção à sua dimensão estética, formal e comunicativa. Esse ajuste em sua postura crítica demonstra maturidade intelectual, permitindo-lhe

conciliar a preocupação social com a análise rigorosa da obra, consolidando uma abordagem crítica ampla, sensível e metodologicamente sólida.

Por essas razões, há consenso entre os estudiosos de que Antonio Candido se constitui como um dos maiores historiadores-teóricos da literatura brasileira, sendo responsável pela criação de um novo modelo historiográfico. Esse modelo não se limita à simples organização cronológica de autores e obras, mas incorpora questões sociais, culturais e estruturais que, até então, permaneciam marginalizadas nas análises literárias e pouco exploradas no âmbito acadêmico e nas salas de aula. Ao integrar esses elementos, Candido promoveu uma abordagem mais rica e contextualizada, capaz de ampliar a compreensão do texto literário e de seu papel na sociedade.

### **Docência, Crítica e a Construção do Conhecimento Literário**

Candido cultivava uma relação muito especial com a docência. Ele acreditava profundamente no ato de ensinar e no compartilhamento do conhecimento, reconhecendo que a interação direta com estudantes e colegas era fundamental para seu próprio processo de aprendizado e reflexão crítica. Em seus escritos, afirmou que a oralidade lhe era muitas vezes mais proveitosa e eficaz do que a escrita, embora tenha se tornado mundialmente conhecido por seus textos. Sobre isso, ele comenta:

Depois de escrever tantos anos sobre literatura passei a ensiná-la, pude amadurecer a minha concepção de crítica. O que me leva a achar que no trabalho literário é possível que o meu rendimento seja maior quando falo do que quando escrevo. Por isso disse no discurso com que agradei em 1987 a concessão do título de doutor honorário da Universidade Estadual de Campinas: “Sendo um homem mais de fala do que de escrita, foi como professor que me realizei melhor” (Candido, 2019, p. 238).

Esse testemunho revela que o esforço de Candido estava intimamente ligado à experiência de socializar o conhecimento. A docência não apenas lhe permitiu transmitir conteúdos e reflexões literárias, mas também o transformou enquanto intelectual e ser humano, fortalecendo sua sensibilidade

crítica e sua capacidade de compreender diferentes perspectivas. Nesse sentido, a relação entre ensino e construção do conhecimento — inclusive da Literatura Comparada no Brasil — torna-se evidente: ensinar é, ao mesmo tempo, aprender e se aprimorar. Ao compartilhar o saber, Candido exercia uma postura de atenção e cuidado com o outro, corroborando a visão de grandes educadores e pensadores, como Cora Coralina, Paulo Freire e Nelson Mandela, que enfatizam o papel transformador do ensino na formação integral do ser humano. Assim, a prática docente de Candido se apresenta como um elo fundamental entre a produção crítica, a reflexão teórica e o engajamento humano, consolidando seu legado não apenas como escritor e crítico, mas também como educador transformador.

A articulação entre professor, crítico e historiador faz parte de um processo contínuo de construção do próprio entendimento de Antonio Candido sobre a Literatura Brasileira. Para ele, desvincular-se das amarras de crenças e padrões estabelecidos ao longo de séculos representava uma tarefa árdua e exigente, que demandava dedicação e paciência. Um exemplo emblemático desse comprometimento é a elaboração de *Formação da literatura brasileira*, obra que, segundo o próprio autor, o ocupou de forma intermitente por mais de doze anos: “[...] o livro *Formação da literatura brasileira* (que me ocupou de maneira intermitente por doze anos)” (Candido, 2019, p. 239). Esse longo período de pesquisa evidencia não apenas a profundidade de sua investigação, mas também seu comprometimento incondicional com a historiografia literária nacional, buscando compreender e mapear a produção literária brasileira em seus contextos históricos, culturais e sociais. Candido demonstra, assim, que o estudo da literatura requer esforço prolongado, sensibilidade crítica e disposição para questionar tradições, consolidando sua trajetória como referência máxima para a análise, interpretação e ensino da Literatura Brasileira.

O autor confessa, em um de seus escritos, que embora tenha se formado em Ciências Sociais, em 1941, e cumprido integralmente os requisitos de seu curso, sentiu-se livre para abandonar essa área em determinado momento de sua trajetória acadêmica, dedicando-se integralmente à Literatura — campo que sempre despertou seu interesse mais profundo. O reconhecimento de sua competência como crítico, consolidado pelo título de livre-docente em Literatura Brasileira, comprovou que ele

possuía preparo e autoridade para atuar profissionalmente na área. Assim, em 1958, Candido passou a lecionar Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia de Assis, em São Paulo, marcando o início de uma inserção acadêmica que se revelaria fundamental para o ensino da disciplina. Essa experiência docente não apenas contribuiu para a consolidação de métodos críticos e reflexivos em sala de aula, mas também reforça a importância e a magnitude das contribuições de Antonio Candido à Literatura Brasileira, estabelecendo fundamentos teóricos e práticos que continuam a orientar professores, pesquisadores e estudantes até os dias atuais.

### **Candido: Legado da Crítica, da Literatura e da Docência**

A trajetória intelectual de Antonio Candido evidencia a força transformadora da literatura e da crítica literária na formação do sujeito e na construção do conhecimento. Ao longo de sua vida, Candido demonstrou que o exercício da crítica não se limita à análise formal das obras, mas se estende à compreensão de seus contextos históricos, sociais e culturais, articulando rigor metodológico e sensibilidade humana. Sua experiência docente reforçou essa perspectiva, mostrando que ensinar e aprender são processos indissociáveis, nos quais o compartilhamento do saber fortalece a reflexão crítica e a própria formação intelectual.

Os três traços fundamentais de sua crítica — espírito de resenha, espírito de seleção e espírito de contextualização — revelam um percurso metodológico sólido, no qual a leitura atenta, a avaliação criteriosa e a inserção do texto em seu contexto histórico e social se articulam para produzir interpretações consistentes e significativas. Essa abordagem integrativa consolidou um modelo crítico-historiográfico que permanece como referência central para os estudos de Teoria Literária e Literatura Comparada no Brasil, rompendo com o historicismo rígido e promovendo uma visão ampla e humanista da literatura.

Além disso, a obra e a prática de Candido demonstram que a literatura é um direito humano fundamental, capaz de ampliar a sensibilidade, a imaginação e a consciência crítica. Ao aproximar

sua reflexão da prática literária de autores como José de Alencar, Candido reforça a ideia de que a literatura é inseparável da vida social, histórica e cultural, funcionando como espaço de formação, interpretação e transformação humana.

Portanto, Antonio Candido se consolida como um intelectual de relevância atemporal, cuja obra ultrapassa gerações, influenciando professores, pesquisadores e estudantes. Seu legado evidencia que o ensino, a crítica e a historiografia literária devem caminhar juntos, oferecendo ferramentas para compreender a complexidade do texto literário e sua inserção na sociedade. A atuação de Candido demonstra, enfim, que a leitura, a reflexão crítica e a docência não apenas transmitem conhecimento, mas contribuem para a humanização do indivíduo e para a construção de um entendimento profundo da literatura brasileira e de suas múltiplas dimensões.

## Referências

Alencar, José de. Como e por que sou romancista. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893.

Candido, Antonio. Na sala de aula: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1998.

Candido, Antonio. Como e porque sou crítico. *Literatura e sociedade* | nº 30 | p. 237-242 | jul/dez 2019.

Candido, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo. Cia. ed. Nacional, 1965.

Candido, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro. Ouro sobre azul, 2004.

Candido, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas. 1993.

Candido, Antonio. Como e por que sou crítico. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Esmeraldo, Moema de S. Letramento literário e decolonialidade: práticas pedagógicas identitárias. *Revista Linha Mestra*, v. 18, n. 52, p.72-81, jan./abr. Campinas: Unicamp, 2024.

Esmeraldo, Moema de S. “O direito à literatura”: práticas sociais de letramento literário na escola. Revista Linha Mestra, v. 16, n. 46, p.144-152, jan./abr. Campinas: Unicamp, 2022.

Nitrini, Sandra. Literatura comparada: história, teoria e crítica. São Paulo. EDUSP. 2015.

Oliveira, Waltencir Alves de: Antonio Candido ou o direito à poesia. Scripta. Belo Horizonte. PUC Minas. V. 23, n. 49. 2019.

Oliveira, Waltencir Alves de: Antonio Candido e a formação da Literatura Comparada. Itinerários, Araraquara, n. 30, p.49-64, jan./jun. 2010

Sptizer, Leo. Linguística e História Literária. Biblioteca Romano Hispânica. EditorialGredos Madrid, 1955